



# cork.

Information Bureau | 2019

## História



---

# ÍNDICE

BREVE HISTÓRIA DA CORTIÇA ..... 3

## BREVE HISTÓRIA DA CORTIÇA

Apesar das suas múltiplas utilizações, há séculos que o mais fiel embaixador da cortiça no mundo é a rolha natural, este vedante de qualidade excepcional ainda hoje preferido e requisitado pelos grandes produtores de vinho. Mas ao longo da História, muitas são as referências a este produto e às suas variadas aplicações.

- As primeiras árvores identificadas como sobreiros datam de há milhões de anos.
- O sobreiro fixou-se há cerca de 10 mil anos na região que ocupa ainda hoje.
- No ano **3000 A.C.**, a cortiça já era utilizada no Egipto, na Babilónia e na Pérsia. Para além da utilização em aparelhos destinados à pesca, a cortiça surge nos cemitérios cartagineses na Sardenha em lâminas gravadas, supostamente usadas em caixas para materiais preciosos e, também, em urnas como tampas de alguns “nuraghi” – monumentos em forma de cone. Em alguns sarcófagos egípcios foram, também, encontradas ânforas com tampões de cortiça para armazenar alimentos.
- Já nos nossos dias, foram encontradas, na Grécia, ânforas vedadas com cortiça contendo vinho e que datam do **século V A.C.**
- Em Itália encontraram-se vestígios datados do **século IV A.C.**, de vários artefactos como bóias, tampas para tonéis, sapatos de mulher e telhados de casas. É, também, nesta época que temos uma das primeiras referências feitas ao sobreiro e escrita pelo filósofo grego Teofrasto que, nos seus tratados sobre Botânica, refere, maravilhado, “a faculdade que esta árvore possui em renovar a casca quando esta lhe é retirada”.
- Os romanos, Varrão, buscaram outros usos para a cortiça e no **século II A.C.** recomendaram o seu uso no cortiço para as abelhas, devido às suas características térmicas.
- Vinho e cortiça são dois produtos que há muito se complementam. Assim o prova uma ânfora datada do **século I A.C.** e encontrada em Éfeso: não só estava vedada com uma rolha de cortiça como ainda continha vinho.
- Em cerca de **400 A.C.**, segundo Plutarco, quando Roma foi sitiada pelos Gauleses, foram enviados mensageiros que atravessaram o rio Tigre agarradas a pedaços de cortiça para boiar.
- Segundo Virgílio (**70-19 A.C.**) os soldados romanos cobriam a cabeça com cortiça para servir de isolamento térmico.
- Mais tarde, já no **século I D.C.**, o conhecido naturalista romano Plínio faz uma nova e extensa referência ao sobreiro na sua célebre História Natural. Explica que na Grécia este era adorado como símbolo da liberdade e da honra, razão pela qual só os sacerdotes o podiam cortar. Também na mesma obra pode ler-se que o sobreiro costumava ser consagrado ao Deus Olímpico Júpiter e que as suas folhas e ramos serviam para coroar os atletas vencedores. Já em Pompeia, Itália, a cidade romana destruída pela brutal erupção do Vesúvio, foram encontradas ânforas de vinhos vedadas com cortiça.
- No **século II D.C.**, Dioscórides, médico grego, aponta algumas aplicações medicinais para a cortiça – nomeadamente para a queda de cabelo.

- Portugal pode orgulhar-se de ter sido pioneiro em matéria de legislação ambiental, pois as primeiras leis agrárias que protegem os montados de sobro surgem no início do **século XIII**, em 1209. Em 1292, D. Dinis, rei de Portugal, proíbe o corte de sobreiros em Alcáçovas.
- Em **1320**, é encontrada a primeira referência à extracção da cortiça e à utilização do entrecasco no curtimento das peles dos animais.
- Em **1438**, surgem referências à exportação da cortiça portuguesa para a Flandres.
- Durante as Descobertas Portuguesas, os construtores das naus e caravelas que partiram à descoberta de novos mundos, utilizavam a madeira de sobreiro no fabrico das partes mais expostas às intempéries. Defendiam que o “sôvaro”, como então se dizia, era o que havia de melhor para o liame das naus: além de super resistente, jamais apodrecia.
- Em **1510**, vários objectos feitos em cortiça surgem representados na janela da Sala do Capítulo, no Convento de Cristo em Tomar, Portugal.
- Em **1560**, o Convento dos Capuchos, em Sintra, e o das Carmelitas, no Buçaco, Portugal, utiliza a cortiça como revestimento das celas.
- Em França, no último quartel do século XVII (**1680**), o monge beneditino francês Dom Pierre Pérignon, tesoureiro da Abadia de Hautvillers, iniciava-se no uso da cortiça com a qual vedava as garrafas do seu famoso champanhe Dom Pérignon. Uma escolha que se prolongou no tempo, foi adoptada em 1729 pela Ruinart e em 1743 pela Moët et Chandon, e que ainda hoje se mantém.
- No **século XVII**, em Inglaterra o físico Robert Hooke conseguia obter a primeira imagem microscópica da cortiça usando um microscópio que ele próprio desenvolvera.
- Mas o princípio da exploração sistemática dos grandes sobreirais que caracterizam a Península Ibérica e que ainda hoje subsistem na Catalunha e em Portugal, só se dá a partir do **século XVIII**, quando a produção de rolhas de cortiça se torna o principal objectivo. É também nesta altura que surgem os primeiros trabalhos sobre a sua constituição química desenvolvidos por um químico italiano de nome Brugnatelli, bem como o primeiro compêndio sobre a subericultura (o cultivo de árvores da família Suber). Em 1790, é publicado e assinado por um português, Joaquim Pedro Sequeira, o compêndio “Azinheiras, Sovereiras e Carvalhos da Província de Além-Tejo”.
- Em **1700**, as rolhas de cortiça começam a ser utilizadas e em **1770**, com o início do comércio do vinho do Porto, a indústria rolheira começa a florescer no norte de Portugal associada a este sector. As rolhas eram talhadas à mão e um homem podia fazer cerca de três rolhas por minuto.
- Em **1750**, a empresa inglesa Henry Bucknall & Sons Limited estabelece-se em Portugal com o intuito de comprar e exportar a cortiça para o Reino Unido, onde esta depois era transformada. Nesta altura havia outras empresas a laborar em Portugal, nomeadamente, Mundet, Wicander, Robinson, Rankins, Avern e a Armstrong, em Espanha. As exportações iam já para todos os continentes. Também neste ano foi montada a primeira instalação fabril para o fabrico de rolhas, em Girona, Espanha e cem anos mais tarde a indústria já estava estendida pelo país.
- Durante o **século XIX**, a França, a Itália e a Tunísia resolvem aderir à exploração sistemática dos montados de sobro e países tão diferentes como a Rússia ou os Estados Unidos dão também início ao plantio destas árvores.
- Em **1836** inventou-se a máquina de “rabanear” – aparelho que corta as pranchas de cortiça em tiras.

- Em **1850** diz-se que foi inventada a garlopa – máquina para fazer rolhas – por Francisco Vidal y Monner e que produzia 3 a 4 mil rolhas/dia e também máquinas de contar e calibrar rolhas. Nesta altura, operários especializados da Catalunha chegam a Portugal, trazendo o conhecimento e as técnicas mais avançadas da indústria.
- Em meados do **século XIX** existiam em Portugal pouco mais de uma dezena de fábricas de cortiça, número que aumentou para as 46, em **1877**, principalmente em Aveiro.
- Em **1880**, surgem as primeiras referências ao papel de cortiça – a firma Karl Lindemann, na Alemanha, fabricava-o em máquinas manuais.
- Em **1890**, nos Estados Unidos foi inventado o parquet de cortiça (aglomerado simples ou branco) e, em 1909, Charles McManus descobriu os aglomerados compostos. Em 1892, um nova-iorquino, John Smith, descobre e patenteia o aglomerado negro. Ele produzia salva-vidas, que eram cheios de granulados de cortiça e, numa noite, após exposição accidental a uma fogueira verificou que os grânulos se tinham agregado, formando uma massa de cor castanho escura.
- Já nos últimos anos deste século, em Reims, França, inicia-se o fabrico de rolhas de duas peças de cortiça natural coladas.
- No século seguinte, a indústria corticeira dos vários países produtores investe cada vez mais em inovação e desenvolvimento, lançando para o mercado produtos variados. Logo em **1903**, aparecem as rolhas com discos de cortiça natural e corpo de aglomerado.
- Em **1920** inicia-se a fabricação das rolhas com “cabeça” para facilitar a extração. E cinco anos mais tarde começa-se a produção de blocos aglomerados.
- Em **1933** desenvolve-se a técnica da formação dos bastões de cortiça aglomerada que permite a obtenção de rolhas técnicas.
- Alguns anos mais tarde, são registadas patentes para a utilização da cortiça em correias de transmissão e em pneus e, durante a Segunda Guerra Mundial, este material passa a ser utilizado em múltiplos equipamentos militares.
- Nos **anos 40** existem referências à utilização do pó da cortiça para a conservação de fruta, durante os trajectos até ao consumidor.
- Nos **anos 50**, a cortiça é usada em pequenas peças de mobiliário rústico, no folheamento de mobiliário e no fabrico de tampos de sanita. E uma empresa americana produz os primeiros ladrilhos de cortiça aglomerada para revestimento coberto com película vinílica.
- Em **1952**, Jacques-Yves Cousteau recuperou, das profundezas das águas italianas, 7000 ânforas com cerca de 2200 anos, algumas delas ainda rolhadas e contendo vinho.
- Em **1956**, nasce a **Associação Portuguesa da Cortiça**, mas sob o nome de Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Norte.
- Já nas últimas décadas, surgem diversas iniciativas que visam a investigação e a definição de normas internacionais para a indústria corticeira e onde se destaca a **Confédération Européenne du Liège** (C.E. Liège), fundada em **1987**. Formada por federações de cortiça pertencentes a vários países, esta organização apresenta em **1996**, o Código Internacional de Práticas Rolheiras, um documento essencial para o controle de qualidade na produção de rolhas.

- No século XXI, a cortiça tem vindo a crescer, sobretudo em áreas inovadoras como o **Design para a Sustentabilidade e o Eco-Design**. Cada vez mais, novas gerações de artistas procuram criar objectos do quotidiano - artefactos de mesa, de cozinha, de lazer, mobiliário - a partir de materiais cem por cento naturais e que contribuam para a sustentabilidade ambiental. Na moda, a cortiça ocupa cada vez mais um lugar de destaque e em outras indústrias, como os transportes e o desporto, esta matéria-prima tem sido usada para inúmeros fins, devido às suas características intrínsecas. Está nos vaivéns da NASA e da ESA, nos caiaques de alta competição, nas bolas de ténis e de críquete, faz parte dos efeitos especiais de filmes de Hollywood, tapa o whisky mais caro do mundo, incorpora peças de design internacionalmente premiadas, e anda nos pés de muita gente. Todos os anos surgem novas utilizações da cortiça.
- Em **2016**, no campeonato europeu de futebol, a cortiça estava presente em quatro dos relvados. A tecnologia que combina cortiça e fibras sintéticas serviu de base à relva natural, fazendo com que os impactos da corrida e movimentos dos atletas fossem melhor absorvidos, protegendo-os de eventuais lesões.
- Em **2018**, no museu The Liberty Hall, nos EUA, foram descobertas três caixas de vinhos Madeira que datam de 1796 e 40 demijohns (garrações de 18,9 litros, usados para armazenar e transportar álcool), de meados dos anos 1800 e re-arrolhados em 1871, durante um processo de restauração da adega. Os vinhos foram provados e estavam em perfeitas condições. Alguns exemplares ficaram no museu e os restantes foram leiloados pela Christie's, num leilão que decorreu em Nova Iorque onde um demijohn de vinho Madeira de 1846 foi vendido por 39 mil dólares. Ainda este ano, a APCOR inaugura o primeiro espaço informativo sobre a fileira da cortiça, o **Cork Welcome Center**. Para além de ser uma montra dos variadíssimos produtos que consideram cortiça como elemento fundamental, é um local com informação (textos e imagens) sobre o processo de produção da cortiça, desde a floresta ao produto final.

No sítio da APCOR pode ver vários exemplos disto. [www.apcor.pt](http://www.apcor.pt)

Fonte: História da Cortiça, Luís Gil, 2000, artigos de jornais e internet.